

# RUY FABIANO

Ponto de Vista

## Poço sem fundo

O ex-ministro Mário Simonsen costuma dizer, referindo-se à crise brasileira, que o fundo do poço não existe. Isto é, sempre é possível afundar mais e mais. Diz também que, entre o paraíso e o inferno há múltiplos canais intermediários. Para se estar mal, não é preciso estar no centro do inferno. A periferia já produz um calor bem razoável.

E, se não está ainda no inferno propriamente dito, o Brasil certamente não está longe de sua periferia. Basta consultar a meteorologia econômica. Simonsen classifica de "morna" a situação da economia brasileira. Não há sintomas de aprofundamento da recessão, mas também não há sinais de que se joga no crescimento — nem do ponto de vista conjuntural, nem do estrutural. Embora os indicadores não sejam alarmantes, ninguém está investindo.

Hoje, segundo o Banco Central, o fluxo de capitais é mais intenso de dentro para fora do País. Ano passado, os investimentos oficiais brasileiros no exterior — excluídos os do mercado paralelo — foram bem superiores aos que aqui ingressaram. Houve mesmo recorde nas remessas de lucros, o que apenas confirma o que todos estão cansados de saber: o péssimo estado das relações do Brasil com o sistema financeiro internacional.

O nome de tudo isso? Simples: crise de confiança. E aí a crise econômica confunde-se com a política. O Governo não tem base parlamentar, nem respaldo junto aos setores organizados da sociedade civil. Em decorrência, não consegue aprovar suas propostas no Congresso. Ao invés de buscar alianças, indispensáveis a quem quer promover reformas

ambiciosas, indispõe-se ecumenicamente com praticamente todos os setores da sociedade, da direita à esquerda. O resultado é que não consegue reformar coisa alguma, nem muito menos credenciar-se externamente ao recebimento de novos recursos.

Recente levantamento do "World Competitiveness Report-1991" evidencia a inter-relação inevitável do político com o econômico. Entre os dez mil executivos de 34 países ouvidos, sólida maioria apontou os dois fatores que mais espantam o capital: o inferno burocrático e a instabilidade política. Desnecessário dizer que o Brasil figura, em posição de proa, entre os países relacionados. E as duas causas apontadas resumem bem a circunstância presente do governo Collor, que não conseguiu domar a máquina administrativa — cuja reforma foi barrada por entraves constitucionais —, nem costurar alianças políticas.

O resultado é que, com pouco mais de um ano no poder, a discussão sucessória já está nas ruas, acrescida da idéia de adoção do parlamentarismo ainda no curso deste Governo. Não é, certamente, um sinal de saúde política. Daí a fuga dos capitais.

**Sucessão carioca** — Não tem qualquer fundamento jurídico a cobrança que o PDT faz do mandato do deputado César Maia, recém-convertido ao PMDB. Se aplicada com rigor, a tese desempregaria metade do Congresso. Miro Teixeira, por exemplo, fez o caminho inverso ao de Maia. E Brizola achou ótimo. Tudo se resume a algo simples: começou a campanha para prefeito do Rio. E Maia é candidato.